

AULA 19 – ECLESIASTES

I – AUTORIA

Título

O termo hebraico correspondente é *Qoheleth*, que significa “aquele que convoca (ou dirige) uma assembléia” recebendo a tradução de “Pregador”, termo que aparece sete vezes no livro e mais nenhuma em todo o Antigo Testamento.

O nome Eclesiastes veio da tradução para a língua grega, e deriva do termo também grego *Ekklesia* (“assembléia”, “igreja”) e significa “aquele que fala a uma assembléia”, ou a própria função do Pregador.

Autor

Eclesiastes é geralmente creditado a Salomão, escrito em sua velhice. Embora não mencionado em 1 Reis, Salomão provavelmente recobrou a consciência antes de morrer, arrependeu-se e voltou-se para Deus. Eclesiastes 1.1 parece ser uma referência a Salomão: “*Palavra do pregador, filho de Davi, rei em Jerusalém*”.

Existem muitos argumentos a favor da autoria de Salomão. Alusões à sabedoria de Salomão (1.16), à riqueza (2.8), aos servos (2.8), aos prazeres (2.3) e a atividade de edificação estão espalhadas por todo o livro.

O autor identifica-se como aquele que reuniu e organizou muitos provérbios, o que leva à Salomão como sendo o autor. A própria tradição judaica confirma ser Salomão o autor de Eclesiastes, o que nos parece ser certo, sem nenhuma dificuldade.

II – CENÁRIO HISTÓRICO

O livro evidencia um período em que, para o autor, as soluções tradicionais para as grandes questões da vida, particularmente para o sentido da vida, perderam a sua relevância.

Ao invés de responder estas questões com citações da Escritura, o Pregador introduz uma metodologia baseada na observação e na indução.

A sabedoria, quando encontrada em outra literatura sapiencial da Bíblia (Jó, Provérbios e certos Salmos), é sinônimo de virtude e piedade; e sua antítese, a loucura, representa a maldade.

No livro de Eclesiastes, a palavra “sabedoria”, às vezes, é usada nesse sentido quando se trata da interpretação israelita tradicional sobre a sabedoria (como em 7.1-8.9; 10.1-11.16). Mas no capítulo de abertura (1.12-18), o autor lida com a sabedoria enquanto o processo de puro pensamento, semelhante à filosofia grega, com questionamento dos valores absolutos.

Mesmo sem contestar a existência de Deus, a qual confere sentido à criação, o Pregador está determinado a procurar esse sentido através da sua própria experiência e observação, a fim de poder verificar esse sentido pessoalmente e transmiti-lo aos seus discípulos.

Data

Como citado anteriormente, Salomão provavelmente escreveu Eclesiastes na parte final de sua vida. O conteúdo do livro e as conclusões certamente combinam bem com os anos de maturidade de Salomão. Ele ministra a todas as gerações o benefício de sua larga experiência e sabedoria quanto ao objetivo da vida.

Como ele reinou de 970 a 930 a.C., o livro deve ter sido escrito em 935 a.C., aproximadamente.

III – CONTEÚDO

O livro de Eclesiastes apresenta todos os indícios de ser um ensaio literário cuidadosamente composto que precisa ser compreendido em sua totalidade antes de poder ser entendido em parte.

O conteúdo do livro é definido por versos quase idênticos (1.2; 12.8), que circunscrevem o livro ao antecipar e resumir as conclusões do autor. O tema é definido em 1.3: “*Que vantagem tem o homem de todo o seu trabalho, que ele faz debaixo do sol?*”. Ou, “*Pode a verdadeira sabedoria ser encontrada por um ser humano à parte da revelação de Deus?*”.

A busca do Pregador é por algum tipo de valor fixo (vantagem), imutável, que possa ser achado nesta vida (“dabaixo do sol”), que possa servir como base de uma vida adequada.

O termo hebraico traduzido por “vantagem” é *yitron* (1.3) e também pode ser traduzido por “ganho”, “valor”. “Vaidade” é uma palavra-chave no livro, traduzida do termo hebraico *hebel* (“fôlego”), indicando assim aquilo que é mortal, transitório e efêmero. Tentando cada um dos caminhos propostos pela humanidade para alcançar o valor procurado, ele os acha evasivos (“aflição de espírito”), fugitivos e transitórios (“vaidade”).

A “sabedoria” de 1.12-18 está desprovida de valor verdadeiro. E a resposta também não é encontrada no prazer, na riqueza, em grandes realizações (2.1-11), em uma doutrina de compensação (2.12-17) ou no materialismo (2.18-26).

Qual deve ser nossa atitude diante do fato de que nem as realizações nem as coisas materiais são *yitron*, ou seja, não têm valor permanente? A resposta introduz o tema secundário do livro: devemos desfrutar tanto a vida como também as coisas que Deus nos tem concedido (3.11-12; 5.18-20; 9.7-10), lembrando que, no final, Deus nos julgará pelo modo como fizemos isso (11.7-10).

Mesmo a própria vida humana, em qualquer sentido humanista, secular, não pode ser considerada como o *yitron* que o Pregador procura. Mesmo a relação de vida e morte é um tema subordinado no livro.

Mas retomando à busca principal do Pregador: será que essa busca está destinada a terminar (12.8) como começou (1.2), numa nota de desespero?

A constante investigação do Pregador por um sentido para toda a existência demonstra que ele é um otimista, não um pessimista, e o seu aparente fracasso em descobrir algum valor absoluto, permanente, nesta vida (“dabaixo do sol”), não significa que a sua busca seja um fracasso. Ao contrário, ele se acha forçado (pela observação de Deus pôs ordem no universo quando este foi criado, 3.1-14) a buscar o valor que tanto procura no mundo do porvir não debaixo do sol, mas “acima do sol”, por assim dizer.

Embora não afirme isso especificamente, a lógica que envolve toda a sua busca força a encontrar o único verdadeiro *yitron* no temor (reverência) e na obediência a Deus (11.7-12.7). Isso é afirmado no epílogo: o dever de toda a humanidade é a reverência a Deus e o cumprimento dos seus mandamentos (12.13). Isso precisa acontecer, mesmo que durante esta vida não haja justiça verdadeira, pois Deus, no fim, trará a juízo tudo o que existe (11.9; 12.14). Com esta observação profunda o livro termina.

IV – OBJETIVO

O objetivo do escritor foi demonstrar, científica e filosoficamente, a futilidade da vida sem Deus, e mostrar a satisfação e a alegria de viver na percepção da soberania divina.

Contribuições Singulares de Eclesiastes

Podemos listar algumas contribuições singulares e assuntos do livro de Eclesiastes.

Entre elas estão: *Alegria de viver, Soberania divina na vida pessoal, Ênfase da eternidade e julgamento e Primeira menção de Deus como Criador.*

V – CRISTO REVELADO

Apesar de não haver nesse livro predição messiânica ou até mesmo tipos, podem-se notar algumas referências indiretas.

A maior delas, em dúvida alguma, é sobre a mensagem e o autor da mensagem no livro. Comparemos: em Eclesiastes a mensagem é designada “palavras de verdade” dadas pelo “único Pastor” (12.10,11). Disse Cristo ser Ele “a verdade” (João 14.6), o “bom pastor” (João 10.11) e “maior do que Salomão” (Lucas 11.31), e que vinha para revelar o verdadeiro significado da vida. Com isso, concluímos que Cristo está revelado em Eclesiastes no tema e no autor o livro.

VI – ESPÍRITO SANTO EM AÇÃO

Todas as referências ao “espírito” em Eclesiastes são referentes à força vital que anima o ser humano ou o animal (ver 3.18-21).

Apesar disso, o livro antecipa alguns dos problemas enfrentados pelo apóstolo Paulo na implementação de dons espirituais em 1 Coríntios 12-14. As pessoas que acreditam que Deus lhes fale através do Espírito Santo em sonhos e visões (Joel 2.28-32; Atos 2.17-21) agiriam bem se prestassem atenção na sábia advertência do Pregador de que nem todo sonho é voz de Deus (5.3). Paulo aparenta ter isso em mente ao falar sobre os dons de línguas e profecias em 1 Coríntios 14.9, aconselhando uma manifestação ordenada, seguida de um julgamento da assembléia sobre a declaração.

Da mesma forma, a ênfase do Pregador na reverência e na obediência a Deus é paralela à preocupação de Paulo com a edificação da igreja (1 Coríntios 14.5). Os verdadeiros dons espirituais - manifestações genuínas de ações ou expressões miraculosas - acontecem em espírito de reverência pra a glória de Deus através de Cristo e para a edificação dos crentes.

VII – ESBOÇO

I. Prólogo 1.1-2

Identificação do Livro 1.1

Resumo das investigações do Pregador 1.2

II. Estabelecimento do problema 1.3-11

Estabelecimento do problema: Pode-se encontrar algum calor verdadeiro nesta vida? 1.3

Exposição do problema: Um refutação das soluções humanísticas 1.4-11

III. Tentativas de solução pra o problema 1.12-2.26

A refutação da razão pura: A sabedoria humana, sozinha, é inútil 1.12-18

O fracasso do hedonismo: O prazer não tem sentido em si mesmo 2.1-11

O fracasso da compensação: O sábio e o tolo encaram um fim comum 2.12-17

O fracasso do materialismo 2.18-26

IV. Desenvolvendo o tema 3.1-6.12

Inutilidade dos esforços humanos em mudar a ordem criada 3.1-15

Inutilidade de um fim igual a criaturas desiguais 3.16-22

Inutilidade de uma vida oprimida 4.1-3

Inutilidade da inveja 4.4-6

Inutilidade de ser sozinho 4.7-12

Inutilidade de uma monarquia hereditária 4.13-16

Inutilidade do fingimento numa religião formal 5.1-7

Inutilidade dos sistemas de valores materialistas 5.8-14
Inutilidade de deixar para trás, na morte, os produtos do trabalho 5.15-20
Inutilidade de futilidade de uma vida despojada 6.1-9
Inutilidade do determinismo da natureza 6.10-12

V. A sabedoria prática e os seus usos 7.1-8.9

Provérbios moralizantes sobre vida e morte, bem e mal 7.1-10
A sabedoria e as suas aplicações 7.11-22
Observações sábias variadas 7.23-8.1
A sabedoria na corte do rei 8.2-9

VI. Um retorno ao tema 8.10-9.18

Inutilidade da compensação (novamente) 8.10-9.12
Inutilidade da natureza instável do homem (novamente) 9.13-18

VII. Mais sobre a sabedoria e os seus usos 10.1-11.6

VIII. O único valor é temer a Deus e obedecê-lo 11.7-12.7

O primeiro resumo das conclusões 11.7-10
O segundo resumo: a alegoria da velhice e morte 12.1-7

IX. Epílogo: confirmação da conclusão 12.8-14

Resumo das conclusões do Pregador 12.8
Resumo das conclusões do Pregador através de um discípulo 12.9-14